

Congresso deve rejeitar aumento de impostos

ALDO RENATO SOARES

Protásio Nêne/AE—11/9/91

BRASÍLIA — O Congresso deverá rejeitar o aumento de impostos proposto pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Isso não só porque há muita oposição à proposta, mas principalmente porque algumas das medidas já foram derrubadas quando foram tentadas em outras oportunidades pelos parlamentares, como a criação da alíquota de 35% para o Imposto de Renda e do imposto sobre grandes fortunas. "Não aceito mais imposto de jeito nenhum", reagiu o senador Albano Franco (sem partido-SE), presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ele comunicou sua posição ontem ao presidente, Itamar Franco, e ao ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso.

O deputado Delfim Netto (PPR-SP) também critica. "O que houve foi muita conversa e, no fim, acabaram propondo mais impostos e não se fala mais em cortes", observou. Para o deputado, a proposta do governo não tem nenhuma criatividade porque insiste em medidas que já foram derrubadas no Congresso.

A reação menos negativa foi do deputado José Serra (SP), correligionário de Fernando Henrique Cardoso e líder dos tucanos na Câmara dos Deputados, que não quis comentar. "Juro que não li jornal hoje." Serra acrescentou que tinha falado com o ministro Cardoso e que o ajuste fiscal não estava pronto. "Ele me disse que ainda não tinha batido o martelo", contou.



Franco: Mais impostos não

Para o deputado Luiz Roberto Ponte (PMDB-RS), autor do projeto de reforma tributária que propõe a criação de seis impostos e duas contribuições, o governo só teria chances no Congresso se apresentasse um projeto abrangente e que simplificasse o sistema atual. "Se for aumento de alíquota de qualquer imposto não passa", garante.

O senador Albano Franco foi transmitir sua posição contrária diretamente ao presidente Itamar Franco e ao ministro Fernando Henrique Cardoso. Franco destacou que a CNI já se manifestou a favor de um projeto que aumente o universo de contribuintes, que reduza as alíquotas atuais, e que tribute mais a produção do que o consumo.